

# Uma perspectiva histórica da religião urbana

*A historical perspective of urban religion*

RÜPKE, J. *Religião urbana: uma abordagem histórica*.  
Curitiba: Appris, 2022. 300 p.

**Gabriela R. Marques de Oliveira\***

---

Recebido em: 01/09/2023  
Aprovado em: 10/10/2023

Jörg Rüpke é historiador da religião, tendo como foco o mundo mediterrâneo e a religião na Antiguidade, principalmente dos romanos. Em meados dos anos 1990, em uma obra sobre paz e guerra na Península Itálica,<sup>1</sup> o autor analisou rituais e crenças de generais, soldados e habitantes de Roma antes, durante e depois de uma campanha militar (RÜPKE, 1990). Entretanto, o que inicialmente era uma análise de rituais revelou uma descoberta ainda mais importante para Rüpke: a de que paz e guerra não eram conceitos temporais, mas espaciais. A exemplo disso, Roma havia sido construída como local de paz, de forma que a guerra acontecia sempre fora da cidade.

A partir da referida investigação, Rüpke se aprofundou cada vez mais nos estudos espaciais. Em uma de suas obras recentes, *Pantheon: a new history of Roman religion*, de 2018, o autor retomou a questão do espaço e inseriu a ideia de cidade em um formato amplo e comparativo. Além disso, Rüpke também é um dos pioneiros no uso da ideia de religião antiga vivida, que se refere à experiência prática e cotidiana da religião nas sociedades antigas. Em vez de se concentrar apenas em aspectos teóricos ou doutrinários, Rüpke destaca a importância de compreender como as pessoas comuns vivenciavam e praticavam a sua religião no contexto do seu cotidiano. Entre essas e outras contribuições, Rüpke ocupa um lugar de importância entre os pesquisadores que buscam novas formas de pensar o Mundo Antigo.

---

\* Mestre em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP). Graduada em História pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).

<sup>1</sup> A obra em questão intitula-se *Domi militiae: Die religiöse Konstruktion des Krieges in Rom* e foi publicada pela editora Steiner, em 1990.

*Em Religião urbana: uma abordagem histórica*, originalmente publicada em 2020 como *Urban religion: a historical approach to urban growth and religious change*, pela De Gruyter, e traduzida pela editora Appris, em 2022, Rüpke tenta mostrar uma história global abrangente, com perspectivas diferentes da história intrínseca da cidade e da religião, reiterando as conexões entre estas duas categorias no presente e no passado. A obra está inserida no florescente crescimento dos estudos urbanos, mas o autor deixa claro que “o que é tratado na discussão acadêmica como religião urbana não é nem uma sobrevivência pré-moderna, nem um acidente contemporâneo da modernidade globalizada”.<sup>2</sup> Sendo assim, Rüpke (2022, p. 16) destaca que o conceito de religião urbana abre um campo de pesquisas necessário, que é explorado no decorrer do livro.

Em sua introdução, Rüpke (2022, p. 17) afirma que o principal interesse de sua obra é a religião e a história da religião, uma vez que “[...] é a dimensão histórica das transformações religiosas, mais do que urbanas, que têm sido negligenciadas em considerações de seu emaranhamento mútuo”, em contraste com os estudos que usam a religião como um tipo de lente para examinar a globalização, o que limita a investigação histórica, e ao discurso sobre a “religião icônica”, que negligencia as propriedades espaciais da religião. Nesse sentido, o autor defende que a religião “[...] não é um dado adquirido, mas é, antes, interpretada como o objeto teórico que subjaz à pesquisa histórica empírica” (RÜPKE, 2022, p. 17). Dessa forma, a *religião urbana* seria um termo guarda-chuva

[...] que pode ser útil para conectar uma linha quase exclusivamente presentista de pesquisa com processos de muito mais longo prazo. Contudo, para ser usada como instrumento analítico de uma constelação contingente (religião que, por acaso, é religião urbana), e não como um conceito teorizado de religião (religião se vista como religião urbana), essa abordagem precisa ser complementada por uma reflexão mais fundamental sobre a religião como uma prática espacial. Somente sobre essa base ela pode ser utilizada na busca da perspectiva mais frutuosa a partir da qual se pode abordar a religião e a cidade (RÜPKE, 2022, p. 17).

O autor defende, portanto, uma nova visão dos estudos sobre a relação entre religião e cidade, que reconheça os processos divergentes e/ou contraditórios entre diferentes períodos históricos e espaços geográficos e que não apenas foque na diversidade e na legitimação de poder (RÜPKE, 2022, p. 18). Nesse sentido, a religião urbana seria um termo analítico que denota um processo, não uma mera descrição de um fenômeno.

Com seus interesses definidos, Rüpke (2022, p. 20) declara que o objetivo de sua obra “[...] é demonstrar como as mudanças importantes na religião podem ser compreendidas

---

<sup>2</sup> Debate de lançamento do livro de Jörg Rüpke, “Religião Urbana”, realizado no Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (IEA-USP), em janeiro de 2023. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=A0dw1UoyZ0>>.

mais plenamente quando são vistas, transculturalmente, como resultado da formação recíproca do espaço urbano e das formas urbanas de vida, por um lado, e da religião, por outro”. Tendo como base Roma, indo do período helenístico à Antiguidade Tardia, o autor parte da tese chave de que “[...] o espaço-cidade projetou as grandes mudanças que revolucionaram as religiões mediterrâneas e que esse processo é um modelo paradigmático contra o qual é proveitoso comparar outros processos de urbanização” (RÜPKE, 2022, p. 21).

Para desenvolver seus argumentos, Rüpke divide o livro em quatro eixos, que contam com dois ou três capítulos cada. O primeiro eixo, intitulado “Religião no espaço urbano: reflexões metodológicas”, abarca os capítulos de um a três, os quais focam nas fundamentações teóricas e nos aparatos conceituais da obra. O primeiro capítulo “Olhando para a religião na cidade” oferece uma reflexão teórica sobre o conceito de religião, a partir dos questionamentos do autor. Nele, a noção de sacralização é acrescida ao conceito de fluidez da religião. O autor propõe o uso de sacralização “[...] para referir ações e processos que incluam elementos da situação – objetos, espaço, tempo – dentro do ato de comunicação e que lhes atribuam significado” (RÜPKE, 2022, p. 34). Dessa forma, a comunicação se tornaria mais relevante para os destinatários. Ainda no mesmo capítulo, Rüpke (2022, p. 39) apresenta a ideia de que “[...] a formação de grupos sociais, sob a forma de tradições religiosas que são organizadas e controladas por processos de canonização, é um fenômeno relacionado à urbanidade, aos estilos de vida urbano e às condições da cidade”.

No segundo capítulo, intitulado “Antes da religião urbana: Fustel de Coulanges e narrativas de religião cívica”, Rüpke (2022, p. 23) dialoga com Fustel de Coulanges, em especial com sua obra *La cité antique*, de 1864, e apresenta o que seria uma série de falhas no padrão comum de abrangência do controle político e identidade associado a práticas religiosas e identidade. Por meio de sua revisão e crítica à obra de Fustel de Coulanges, Rüpke propõe que o termo “religião urbanizada” deva ser utilizado não como teoria e explicação, mas como um programa de pesquisa e uma definição de objeto investigativo.

Já no terceiro capítulo e último do primeiro eixo, de título “Urbanização e urbanização da religião”, Rüpke (2022, p. 67) desenvolve o conceito de religião urbana, introduzido no capítulo anterior, com vistas ao seu emprego na investigação histórica e apresenta a ideia de que o caráter espacial da religião precisa ser mais bem compreendido e teoricamente modelado, já que a religião urbana pode servir como uma lente para o emaranhado histórico das cidades. A religião, em sua perspectiva, deveria ser vista como “[...] um agente ativo, preparando e impulsionando processos de urbanização bem como um paciente passivo, reagindo e adaptando-se às condições urbanas e, assim, tornando-se parte e parcela da urbanidade” (RÜPKE, 2022, p. 83).

O segundo eixo do livro, intitulado “Pensando a religião no espaço urbano”, é composto pelos capítulos quatro e cinco. No primeiro deles, “Supondo a cidade: a piedade filosófica como religião urbanizada”, o autor analisa discursos literários produzidas em Roma, no século I a.C., com foco especial no discurso *Sobre a natureza dos deuses*, de Cícero. Rüpke (2022, p. 85) parte do pressuposto de que “[...] urbanidade e religião são produtos tanto do discurso como de outros tipos de interação social e de ambiente construídos”. Assim, analisa a obra de Cícero sob o prisma das mudanças do tecido social e espacial da cidade romana, concluindo que “[...] a reflexão racional sobre religião não é uma atividade separada e acima da religião, mas uma atividade intimamente entrelaçada com ela” (RÜPKE, 2022, p. 100).

Já no quinto capítulo da obra, intitulado “Compondo um lugar complexo: religião e desenvolvimento urbano”, Rüpke (2022, p. 24) levanta a hipótese de que “[...] as grandes sociedades urbanas precisam de práticas que moldem o urbano, relacionando pessoas e espaço, perturbando o espaço contínuo e apropriando-se seletivamente do espaço”. Para solidificar seu argumento, o autor se baseia nas obras de Vitruvius e de Varrão. Partindo da *urbs* romana da República, Rüpke (2022, p. 104) objetiva demonstrar que “[...] a religião é um possível fornecedor do tipo de práticas que podem criar espaço e que, histórica e contingentemente, desempenhou esse papel como fornecedor de uma importante gama de práticas para criar espaço no mundo clássico mediterrânico”.

O terceiro eixo da obra, “Moldando o espaço urbano”, tem como foco a materialidade da apropriação do espaço e suas consequências. No capítulo seis, de título “Materialidade da religião no espaço urbano: bairros de uma metrópole”, somos apresentados à materialidade, ou “tocabilidade”, da religião e sua importância nos contextos urbanos. Para desenvolver essa questão, Rüpke (2022, p. 118-122) focaliza nas práticas realizadas nas *vici* – pequenas subdivisões oficiais da cidade de Roma –, e nos cultos domésticos e, assim, sugere que a materialidade da comunicação religiosa deva ser interpretada a partir de quatro perspectivas: relevância, sacralização, sacralidade e tradicionalidade. Também defende que as práticas envolvidas na materialidade da religião no espaço urbano devam ser vistas a partir do prisma das aspirações, da imaginação e da apropriação (RÜPKE, 2022, p. 129-132). Ao final do capítulo, o autor questiona o valor da dicotomia comum de “espaço público e privado” (RÜPKE, 2022, p. 145).

Dando continuidade às reflexões anteriores, no capítulo sete, intitulado “Resiliência urbana e religião: conectando tempo e espaço”, Rüpke (2022, 145) parte das “[...] relações conceituais que um indivíduo pode ter com sua própria cidade em sua totalidade espacial”. Para compreender o caráter específico dessas relações, o autor evoca a noção de resiliência, destacando que uma das principais estratégias para a

promover, em Roma, era mediante o uso de calendários. Rüpke (2022, p. 178) demonstra alguns desses usos e reitera que “[...] o foco na resiliência também nos ajuda a identificar nuances nas práticas religiosas e na religião material, assim como mudanças ao longo do tempo. Essa perspectiva fornece um antídoto para a noção de calendários como expressões intemporais da religião e da “religião romana”, em particular”.

Por fim, em seu quarto e último eixo, denominado “Agrupamento e subjetivação na religião urbana”, Rüpke (2022, p. 26) privilegia “[...] as questões em torno das mudanças religiosas que ocorrem nas condições urbanas, descolando o foco para os agentes envolvidos”. Para tanto, no oitavo capítulo, “Os ‘eu’ urbanos: a individualização no espaço urbano”, o autor examina não só os conceitos do *eu*, mas, em especial, as práticas e experiências socioreligiosas relacionadas a esses autoconceitos. Nessa empreitada, Rüpke emprega o uso do termo “individualização” para as construções históricas do eu também para conceitos análogos que lidam com processos urbanos. A esse respeito, declara que:

[...] foi a diversidade urbana e a densidade de interação, o crescimento de um mercado religioso e os conceitos e a semântica dos discursos urbanos e transurbanos que teriam desencadeado as institucionalizações homólogas, assim como as concorrentes, que tentaram regular as práticas religiosas, as identidades coletivas e os eus religiosos urbanos (RÜPKE, 2022, p. 205).

Tendo como base o mesmo argumento, no nono e último capítulo, “Urbanidade e múltiplas identidades religiosas”, Rüpke busca demonstrar o desenvolvimento de uma pluralidade de identidades religiosas que estaria relacionada à urbanidade. Para defender esse ponto de vista, parte da observação de autores antigos e outras vozes que “[...] refletem sobre o contexto urbano e o caráter das distinções religiosas” (RÜPKE, 2022, p. 207). Dito de outra forma, “[...] o último capítulo explora as mudanças no uso de identidades especificamente religiosas e as forças motrizes por trás dessas mudanças” (RÜPKE, 2022, p. 27). As principais forças motrizes por trás das transformações mencionadas, segundo o autor, seriam a migração entre cidades e a densidade.

Ao final de sua obra, Rüpke (2022, p. 236) reitera que a religião é melhor vista “[...] como um termo coletivo para práticas, ideias e instituições religiosas que servem ao propósito de comunicar com destinatários sobre-humanos, com humanos falecidos, com espíritos, ou com deuses”. Além disso, destaca que seu livro é um convite não apenas para se refletir sobre os argumentos apresentados sobre o Mediterrâneo no Mundo Antigo, mas também sobre outros períodos e espaços (RÜPKE, 2022, p. 239). Isso porque religião e religiosidades são partes da sociedade urbana, já que a religião é um reflexo da cidade e da urbanidade.

*Religião urbana: uma abordagem histórica* é, portanto, uma obra que busca olhar com novas perspectivas para as religiões e o ambiente urbano. Sua disponibilidade em língua portuguesa oferece, de tal modo, uma oportunidade valiosa para pesquisadores brasileiros e lusófonos refletirem sobre aspectos religiosos e cotidianos das cidades antigas no Mediterrâneo.

## **Referências**

- RÜPKE, J. *Domi militiae*: Die religiöse Konstruktion des Krieges in Rom. Stuttgart: Steiner, 1990.
- RÜPKE, J. *Pantheon*: a new history of Roman religion. Princeton: Princeton University Press, 2018.
- RÜPKE, J. *Religião urbana: uma abordagem histórica*. Curitiba: Appris, 2022.
- RÜPKE, J. *Urban religion: a historical approach to urban growth and religious change*. Berlin: De Gruyter, 2020.